

P&B

Uma carta de socorro  
à memória hodierna

———— MARCOS SAMPAIO ————

intransitiva  
• revista

CICATRIZES DA CONTEMPORANEIDADE (V. 5, N. 1, 2021)

# P&B — Uma carta de socorro à memória hodierna

Marcos Sampaio

---

Éra um segundo qualquer, num minuto impreciso, numa hora irrelevante, em algum lugar de vida difícil e, tracejo de morte, precoce. Precoce para quem não teve a “sorte” de nascer e ser tão somente o B, aparente parceiro do P que na sociedade fria e egoísta pinta e desvaloriza o lado escuro do mundo, tornando o branco dono de tudo, aquele que escolhe, dita e aplica as regras de relevância da cor — que causa dor, sofrimento e angústia associando a cor ao valor — nada sábio — mas quem diz o contrário? Nocivo, seletivo e inacreditável.

É amigos, infelizmente é a realidade palpável, concreta e imponente que acoberta o agente e torna estatística a gente. O Floyd, o João Pedro, a Marielle Franco que resistiu enquanto pôde e fez-se presente, mas hoje é ausente — em razão do B que diziam por aí estar no mesmo barco do P, mas que raramente naufraga e tampouco bate de frente com a morte, precoce, uma vez que é o lado forte que possui a “sorte” que o P não tem. O P & B não é só uma escala de cores em uma cena ou em uma fotografia, num filme ou numa novela — não, não é minha gente — é realidade, é latente, é vigente e frequente.

Pois bem, naquele dia o Jorge acordou às 3:30h da madrugada, cansado do dia que se passou. Um dia normal como todos os outros em sua vida, mas nem por isso menos importante. Jorge era viúvo, pai de quatro filhos — dois meninos e duas meninas — e perdera sua esposa numa infelicidade do destino, durante o parto do seu caçula. Desde então ele é pai e mãe, é amigo e é suporte de



quatro vidas negras totalmente vulneráveis e dependentes do seu suor para protegê-los, criá-los, ser exemplo e aconchego.

Às 3:40h, se dando o luxo de aguardar dez míseros minutos antes de enfrentar o mundo sendo três em um só — homem, pai e herói — e “se virando nos 30”, Jorge então senta na beirada da cama com os pés no chão gelado de cimento, que reveste o interior do seu humilde barraco numa periferia qualquer, ergue os braços dando um longo bocejo e aproveita o momento para pedir ao bom Deus que lhe proteja. Nada além do que pede desde o dia em que aprendeu que o mundo de todos não é simplesmente de todos como profere a teoria. Seu pedido é puro e simples, como sua vida e estende-se aos seus filhos, voltar para casa ao fim do dia com saúde suficiente para vencer novamente amanhã.

É impulsionado pela fé e pela coragem que Jorge se levanta, aquece o espírito, deixa para trás a inércia das poucas horas de sono mal dormidas — sem reclamar, diga-se de passagem — sacode a poeira do dia anterior que nem mesmo repousou sobre o seu corpo negro, quente e inquietantemente tenso e vai em direção ao cômodo anexo ao seu quarto, um cubículo apertado, remendado e frágil que sustentava no teto telhas furadas que mal continham o vento, tampouco a água em dias de chuva, mas que repletas de significado e suor protegem dentro do quartinho a maior riqueza daquele homem pobre — seus filhos —, a sua herança, o seu legado no mundo.

Mas espera aí, engana-se quem acha que em circunstâncias assim reside naquele recinto a tristeza — nada disso — na casa de Jorge a felicidade faz morada e os sonhos são perenes. Ali, eles são semeados mesmo num jardim de incertezas e realidades injustas, mas sobrevivem. Ao acordar os filhos e ajeitá-los para a escola, ele apronta-se para o trabalho sempre de olho no velho e impiedoso relógio de parede que parece diariamente correr uma maldita maratona, fazendo esvair-se o tempo de quem não o possui. A resiliente família come e divide naquele momento agradecidos os três pães restantes comprados há dois dias atrás, empurrando “goela abaixo” o excesso de massa dura e seca com água, esta que em seus imaginários pode ser o café, o suco ou o leite que não dispõem do privilégio de beber

— é realidade hostil, mas que de forma alguma mina deles o ímpeto de transformá-la algum dia.

Felizes e não opcionalmente satisfeitos, os cinco saem de casa rumo a mais uma batalha, descendo as vielas estreitas e íngremes da periferia e atentos aos buracos no terreno que parecem ser parte constituinte das ruas, dado o tempo que estão ali fazendo companhia à sujeira, à pavimentação avariada e aos pobres calçados puídos que os pisam todos os dias. Às 5:00h da manhã, com pontualidade inglesa, Jorge e os filhos pegam o primeiro ônibus e às 5:40h, o segundo, assim, complementando o sono durante as incômodas viagens nos nada higiênicos “busus” e equilibrando seus corpos nos bancos desconfortáveis. Às 6:40h chegam ao colégio já cansados de um dia que mal começou, mas sem tempo para dizer “agora não” ao aprendizado.

Jorge entrega os filhos no colégio público daquele bairro, cujas paredes externas mal sustentam aquela estrutura de finalidade valiosa, mas que guarda ali o futuro tanto de seus filhos quanto de muitos que desejam um amanhã diferente de hoje. Nessas circunstâncias, o homem humilde cumpre o primeiro desafio do seu dia e faz sobre a face e o peito o sinal da cruz, seguindo em frente ao trabalho. O local de trabalho do senhor Jorge não era muito longe dali — no máximo duas quadras de distância à pé. Minutos depois, chegando no lugar já com o uniforme alaranjado, um balde de lixo cinza enorme com rodas, uma vassoura marrom, um apanhador de mesma tonalidade e uma imensidão de coragem que lhe é característica, ele começa a limpar as ruas sem saber quando terminará.



Avenida vai, avenida vem, Jorge labuta e muito para garantir o sustento individual e familiar, ainda que pouco. Fácil? Não é, mas que jeito? Ele poderia passar os dias sem comer direito, contudo seus filhos jamais.

— Deus? Se está me ouvindo, obrigado por tudo. — Diz ele suspirando agradecido.

— Sou pobre e negro, visto como um problema para muitos que me julgam por ser quem sou, mas ainda sim tenho alguém que olha por mim aí de cima e que não faz distinção entre a minha pessoa e aqueles cidadãos brancos do outro lado da rua. Apenas agradeço! — Diz Jorge para o seu Deus.

Transpirando muito às 10:30h da manhã debaixo de um sol escaldante que queima a pele negra de Jorge, numa rua cheia de um bairro de classe média, onde os transeuntes esbanjam uma aparente vida fácil, ao passo em que caminham proximamente à outros seres humanos sem a mesma oportunidade — jogados na calçada — que, por obviedade, alimentam-se dos restos produzidos por estes e que, sobretudo, experimentam no mesmo mundo uma realidade tão distante quanto a do Norte e o Sul ou do A e o Z. Foi aí então que, num milésimo de segundo para Jorge, e sim, também para os que ali estavam, foi como se de repente o tempo tivesse parado, como se em nada houvesse cor. Ouviu-se por um momento apenas incontáveis disparos, observou-se o caos tomando conta de um lugar aberto em câmera lenta diante dos olhos assustados no local e, assim, o que outrora eram leves passadas, naquele momento já haviam sido transformadas em correria, criando uma cena digna de uma produção “bang-bang” do velho oeste, infelizmente.

O senhor Jorge, que horas atrás por ali chegou para trabalhar dignamente da mesma forma que muitos como ele, sentiu naquele segundo abruptamente o calor corporal converter-se em calafrio correndo entre suas entranhas, as batidas do coração já descompassadas, aquele corpo sofrido da vida que outrora escorria suor por toda a face cedeu espaço ao sangue que, de quatro perfurações, jorrava incessantemente. Ali, impotente, o gari agonizou e padeceu de tanta dor e saudade daquilo que deixava e jamais

voltaria à tocar novamente, defronte a outros corpos, em sua maioria brancos, que tão somente agradeciam por não estar no lugar daquele estranho estirado no chão, mas não importavam-se em tentar salvá-lo ou mesmo saber quem ele era e o que fazia ali. Lugar errado na hora errada? Azar ou acaso? Será? Como chamar de acaso algo que se repete diariamente? Mudam-se os personagens, todavia, mantém-se os fins.

Jorge só queria trabalhar, seus filhos proteger e sustentar, mas sua hora chegou mais cedo, pelo motivo que todos sabem, mas ninguém diz. As balas que viajaram segundos antes do ocorrido oriundas de um embate corriqueiro entre polícia e suspeito, como de praxe, só encontraram o corpo negro. Triste Jorge, que seus tesouros deixou num colégio logo ali, por horas jaz naquela fatídica rua, porquê para o preto o socorro chega mais tarde, tão tarde que ele poderia falecer mais algumas vezes no mesmo local e o final seria o mesmo. Aquele final que ele sempre conheceu, mas que pedia em oração para que tanto ele quanto os filhos, por um milagre, não fossem parte da regra e sim da exceção.

Acontece que o que Jorge pedia, em parte, já não era mais possível e, pior, ele faleceu sabendo que nem mesmo após a morte seu corpo seria lembrado. Abandonado à própria sorte como sempre foi, enterrado como se estivesse vivo, esquecido. Jorge poderia ter corrido, mas não importa o quão longe fosse, pois para pessoas como ele o perigo, que para a maioria pode estar na esquina, não encontra-se tão longe. Os acompanha como se fossem suas próprias sombras, como se os corpos escuros fossem ímãs que atraem projéteis a todo momento, sendo apenas questão de tempo para que eles colidam e ponham fim a mais um aspirante à sobrevivente.

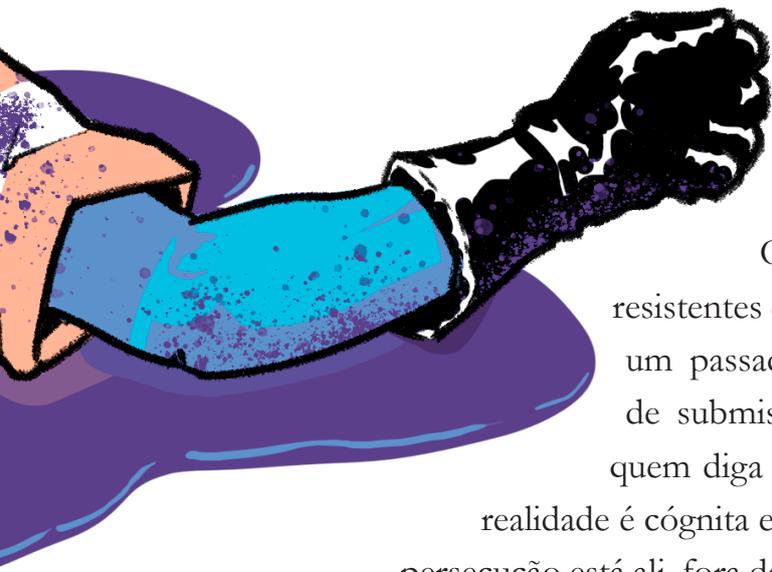
Foram quatro perfurações de bala, coincidentemente há uma para cada filho de Jorge chorar sobre o corpo frio como nunca haviam experimentado, sem vitalidade como nunca viram. Aquele no chão era a fortaleza de quatro, o amor e proteção de todos eles, mas lamentavelmente era apenas mais um negro contra o mundo, que tentou fazer a diferença sendo tratado como o diferente. Apesar de tudo, Jorge não nadou e “morreu na praia”, até porque para ele essa era uma realidade distante — num mar semoto, banhou-se e sufocou-se naquele fluído que era seu próprio

sangue, o mesmo que coloria a partir daquele instante o asfalto negro como seu corpo, de tragédia e desespero.

O conto termina aqui subitamente, assim como findou-se a vida de Jorge. Sem mais, sem porquês, sem a mínima necessidade de explicação, pois o resto da história já se conhece. Descasos, incongruências, depreciações e violência transformam a “carne mais barata do mercado” na vítima

questionável, por estar na hora errada e no local errado fazendo o corpo de escudo para o restante da sociedade, mas **Black Lives Matter** e corpos pretos não são descartáveis.

O corpo negro é marca e memória de personagens resistentes e resilientes. Representa uma história, um povo, um passado, mas no presente. São memórias de anos de submissão, perscrutadas por justiça, escravidão. Há quem diga que a perseguição ao **P** é quimérica, mas **B**, a realidade é cónita e indubitável, às vezes, camuflada de bondade, a perseguição está ali, fora das portas e janelas dos barracos — à espreita — esperando o próximo passo para compor um novo acaso.



## Sobre o autor

Marcos Sampaio é um soteropolitano curioso pelo desconhecido e insatisfeito pela limitação do que se conhece. Para ele, o desejo pelo questionamento é a grande virtude do homem que anseia pelo crescimento intelectual e não aceitar sempre o que muitos consideram como normal têm sido seu propósito de vida. Marcos nasceu e foi criado até os 21 anos em um bairro periférico de Salvador-BA, conheceu a realidade dura, embora não a tenha vivido.

Hodiernamente ele tem 22 anos. Engana-se quem acha que o recém adulto com alma de criança já sabe o que quer da vida, pelo contrário, ele quer sim descobri-la e aproveitar tudo o que ela reserva para si, mas sem deixar a sua essência pelo caminho, afinal ele é tudo que ela traduz. Marcos toda vida têm sido o amigo de todos, é o ponto de interseção e equilíbrio das inúmeras amizades que cultiva, embora seja aquele que prefere o aconchego de sua casa ao agito da rua, o que opta pela selva natural à selva de pedra, aquele que é brisa em meio ao furacão ou um rio encontrando o oceano, doce e salgado ao mesmo tempo, quem liga? Assim ele vive e se satisfaz.